La Comédiathèque

A Sério e a Brincar





Jean-Pierre Martinez

comediatheque.net

Este texto pode ser lido e descarregado gratuitamente. Qualquer representação pública, profissional ou amadora, mesmo gratuita, requer autorização prévia e o pagamento dos respetivos direitos de autor. Solicitar autorização: https://jeanpierremartinez.net/pt/contato/

A Sério e a Brincar

Comédia em doze sketches

Jean-Pierre Martinez

Tradução pelo próprio autor

Por vezes é difícil distinguir o verdadeiro do falso. Mas há um prazer malicioso em misturá-los. Só pela brincadeira.

1 – A festa dos mortos....3
2 – A armadilha....11
3 – Uma ratoeira....13
4 – O gato e o rato....15
5 – O ouro e a prata....16
6 – Desaparecimento....18
7 – Evasão....20
8 – Que tal?....22
9 – Autenticação....25
10 – Patetas....29
11 – O mapa....31
12 – As primaveras....34

Todos os papéis podem ser interpretados por homens ou mulheres, com os ajustamentos necessários nas formas de tratamento.

© La Comédiathèque

1 – A festa dos mortos

Uma campa com o retrato do falecido e uma placa onde se lê «À memória de Jacky». No chão, um jornal velho. Chegam duas pessoas, uma depois da outra, cada qual com um vaso de flores, que pousam desajeitadamente junto da campa. Não parecem conhecer-se e estão um pouco embaraçadas. Silêncio.

Um – Os meus pêsames.

Dois – Obrigado...

Um – Deve ser da família, suponho...

Dois – Bem... Não propriamente. E quanto a si?

Um – Eu também não.

Olham em volta para verificar se estão sozinhos.

Dois – Se calhar chegámos cedo de mais.

Um – Sim...

Dois – Ou tarde.

Um – É estranho haver tão pouca gente.

Dois – No entanto... era alguém muito apreciado.

Um – Sim.

Dois – Conhecia-o? Quero dizer... conhecia-o bem?

Um – Não muito, para dizer a verdade... E quanto a si?

Dois – Eu também não. Na verdade, confesso que não sei muito bem o que estou a fazer aqui.

Um – É sempre o que nos perguntamos quando vamos a um funeral, não é?

Dois – Sim... Vamos para fazer companhia a alguém e depois... acabamos a perguntar-nos o que estamos ali a fazer.

Um – E eu que tinha jurado nunca mais ir a um funeral.

Dois – Eu também... Tirando o meu, claro.

Um – Fizemos bem em vir... caso contrário, não haveria ninguém.

Um momento de pausa.

Dois – É muito triste...

Um – Não é idade para morrer, isso é certo.

Dois – Quantos anos tinha, ao certo?

Um – Ao certo... Não faço ideia. Mas não parecia assim tão velho, pois não? Pelo menos na fotografia...

Dois – Pode ser uma fotografia antiga.

Um – Pois pode... Já reparou? Nas campas põem quase sempre uma fotografia do falecido de quando ainda era jovem e saudável.

Dois – É verdade. Uma foto dele antes da doença ou... do acidente.

Um – Ou... antes de começar a cair aos bocados.

Um momento de pausa.

Dois – Aliás, de que morreu exatamente?

Um – Ah, não sei...

Dois – O que sabemos é que está morto.

Um – É até a única coisa que sabemos dele com toda a certeza.

Silêncio.

Dois – As suas flores são muito bonitas.

Um – As suas também.

Dois – São iguais, não são?

Um – Devemos tê-las arranjado no mesmo sítio.

Dois – Sim...

Um – Encontrei as minhas numa campa aqui perto. Não me lembrei de comprar flores e... trouxe estas pelo caminho.

Dois – Ah, estou a ver...

Um – E no seu caso?

Dois – O mesmo. Não trazia dinheiro... Tirei-as de uma campa um pouco mais adiante.

Um – As flores estão tão caras hoje em dia.

Dois – E quem ficou sem elas não vai certamente apresentar queixa à polícia.

O olhar do outro pousa no jornal no chão.

Um – Não sei o que este jornal está aqui a fazer... Bem o podiam ter apanhado.

Apanha o jornal e olha para a primeira página.

Dois – Este cemitério não está muito bem cuidado. Não sei se há um vigilante. Qualquer um pode roubar flores da campa de um desconhecido.

Um – Que curioso, aqui está a sua foto na primeira página...

Dois – A foto dele?

Um – É sobre o seu desaparecimento...

Dois – E então? Como morreu?

O outro lê o artigo.

Um – Um choque em cadeia, ao que parece.

Dois – Ah, sim...?

Um – Tinha uma taxa de álcool no sangue altíssima, ia a grande velocidade, passou para a faixa contrária e embateu de frente num carro.

Dois – Bolas...

Um – O carro que vinha logo atrás também não teve tempo de travar.

Dois – Várias vítimas, então...

Um – Com ele, foram três ao todo.

Dois – Tudo por culpa de um condutor bêbedo...

Um – Se eu soubesse... não tenho a certeza de que teria vindo.

Dois – Não, eu também...

Um – Mas será que tínhamos alternativa?

Olham-se com uma expressão enigmática. Novo silêncio. Surge uma terceira personagem.

Dois – Ah... aí vem mais alguém.

Um – Deve ser alguém da família.

A terceira pessoa aproxima-se. É precisamente a que aparece no retrato da campa.

Dois – Deve ser o irmão dele, parecem-se um pouco.

Três – Olá... Obrigado por terem vindo... Quero dizer...

Dois – Não, não... É natural.

Guardam um momento de silêncio.

Três – Espero que não me guardem rancor...

Os outros dois trocam um olhar desconcertado.

Um – E por que motivo haveríamos de guardar rancor? Não foi quem o matou, pois não?

Três – Não, claro que não... Embora, de certa forma...

Um – Ah, sim...?

Três – De qualquer modo, obrigado pelas flores.

Dois – Não tem de quê, garanto-lhe...

Um – Era o mínimo que podíamos fazer... *(Pausa)* É... Quer dizer, era...

Dois – Conhecia-o bem...?

A terceira pessoa parece ficar um pouco surpreendida.

Três – Sim, pode-se dizer que sim.

Dois – Que maneira tão absurda de morrer... E tão novo...

Três – Sim...

Um – Sem mencionar as outras duas vítimas que não tinham nada a ver com isso.

Dois – Conduzir bêbedo é uma verdadeira praga... Nunca é demais dizê-lo...

Cria-se um momento de constrangimento.

Três – Enfim, agora já não podemos fazer nada. De que serve lamentarmo-nos? *(Pausa)* Querem beber alguma coisa?

Um – Desculpe?

Três – Um refresco? Uma tacinha de champanhe...

Um instante de hesitação.

Dois – Uma tacinha, porque não? Talvez nos levante um pouco a moral...

Três – E, nesta altura, que temos nós a perder?

A terceira personagem afasta-se.

Um – Porque não...? É costume brindar à saúde do falecido, não é?

Dois – À memória dele, quer dizer. Porque brindar à saúde de um morto...

Um – Sim, claro...

Dois – E além disso, geralmente não se brinda diretamente sobre a campa, pois não?

Um – Acho que é o que fazem no México, no Dia dos Mortos.

Dois – É verdade... mas não estamos no México.

Um – E também não é o Dia dos Mortos.

Dois – Tem a certeza?

Um – De quê?

Dois – De que não é o Dia dos Mortos.

Um – Não sei...

Dois – Seja como for, não estamos no México... Ou estamos?

Silêncio. A terceira pessoa regressa com três taças de champanhe num tabuleiro, oferecendo-as com um largo sorriso. Na outra mão traz uma garrafa, que pousa na campa.

Três – Façam favor, sirvam-se...

Cada um pega numa taça.

Dois – Obrigado.

Todos parecem um pouco desconfortáveis.

Um – Pois então... À memória de... *(Lê a placa)* Jacky.

Três – Isso mesmo.

Erguem as taças e esvaziam-nas.

Dois – Está bem fresco.

Um – Sim, é bom.

Dois pega na garrafa e examina o rótulo, intrigado.

Dois – Veuve Clicquot...? O champanhe da viúva?

Três – Aqui já não há viúvas... No cemitério, mais cedo ou mais tarde, todos os casais acabam por se reencontrar.

Um – Claro...

Um momento de desconcerto. Voltam a beber.

Três – Isto ainda sabia melhor com uns canapés, não acham?

Dois – Não se incomode, estamos bem em pé.

A terceira pessoa fica por momentos perplexa e depois abre um grande sorriso.

Três – Ah! Não, estava a falar de canapés para comer. Uns petiscos!

Dois – Eu percebi... Estava a brincar...

Três – Vou buscá-los...

A terceira personagem sai novamente, levando a bandeja.

Um – Canapés... É incrível, não é?

Dois – Sim...

Um – O que queria dizer com aquilo da viúva?

Dois – Não sei...

Um – Olhe que não está a ser um mau funeral, pois não?

Dois – Sim, parece mais um churrasco entre amigos.

Um – Só que ninguém se conhece.

Dois – Não percebi bem quem era aquela pessoa... Quero dizer, qual era a relação com o falecido.

Novo silêncio. Olham para a campa e para o retrato.

Um – Parece-se um bocadinho com ele, não acha?

Dois – Eu diria que se parece muitíssimo...

Um – Acha que é ele?

Dois – Como poderia ser ele? Está morto...

Um – Não sei.

A terceira personagem regressa com os canapés numa bandeja.

Três – Cá estão! Sirvam-se...

Um – Obrigado.

Servem-se um após o outro.

Dois – Acho que vou provar este.

Um – São mesmo bons.

Dois – E têm uma forma muito original, estes canapés. Parecem...

Um – Caixões.

Três – Pensei que, para esta ocasião...

Dois – Sim...

Mastigam os petiscos.

Um – Isto dá sede...

Três – Vou buscar a irmã mais nova...

Dois – A irmã mais nova?

Três – Outra garrafa!

Um – Ah, claro...

A terceira personagem afasta-se novamente. Os outros olham para o retrato.

Dois – É ele, não é?

Um – Parece que sim.

Dois – Então... se calhar não está morto?

Um momento de pausa.

Um – Ou então, é que nós também estamos mortos.

Dois – Sim...

Trocam um olhar embaraçado.

Um – Desculpe um instante... *(Afasta-se e regressa)* Isto é de loucos...

Dois – O que se passa?

Um – Está ali a minha também...

Dois – A sua?

Um – A minha campa.

Dois – Tem a certeza?

Um – O meu nome está gravado na lápide.

Dois – Ah, claro...

Um – E também o meu retrato. Quando era jovem...

Dois – Qual é?

O outro aponta para uma campa com o dedo.

Um – Foi desta campa que tirei o vaso de flores. Nem reparei...

Silêncio.

Dois – Nesse caso... a minha também deve estar por aqui.

Um – É possível... *(Pausa)* Portanto, isto não é propriamente uma festa de despedida.

Dois – É mais uma festa de boas-vindas.

Um – Uma inauguração da casa nova... com direito a lápide.

Silêncio.

Dois – Lembra-se...?

Um – Do quê?

Dois – Bem... De como morremos...

Um – Não tenho a certeza, mas...

Pega no jornal e olha novamente.

Dois – O que se passa?

Um – Há uma foto do acidente.

Dois – E então?

Um – Os carros ficaram reduzidos a montes de sucata, mas... acho que aquele carro vermelho é o meu.

Dois – Deixe-me ver... *(Olha para o jornal)* Nem reconheceria o meu carro, mas... a matrícula é mesmo a minha.

Um – Então nos carros da frente éramos nós...

Dois – Pelo que parece...

Um momento de pausa.

Um – E ele acha que vai comprar o nosso perdão com o champanhe...

Dois – E com os canapés em forma de caixão.

Um – Que lata...

Dois – Vou matá-lo.

Um – Já está morto.

Dois – E nós também...

A terceira pessoa regressa com um grande sorriso e outra garrafa de champanhe na mão.

Três – Sirvo-lhes mais um pouco?

Os outros dois lançam-lhe um olhar assassino.

Escuro.

2 – A armadilha

Duas pessoas frente a frente.

Um – Então está decidido? Queres livrar-te dela?

Dois – Não vejo outra solução. Já tentei tudo, garanto-te.

Um – Estamos a falar de matar alguém. Não há volta atrás. É definitivo.

Dois – Eu sei.

Um – Consegues viver com isso na consciência para o resto da tua vida?

Dois – Assumo toda a responsabilidade, mas não sou capaz de o fazer. Tratavas disso por mim?

Um – Não será de graça, evidentemente.

Dois – Obviamente.

Um – Quando não se quer sujar as mãos, há um preço a pagar.

Dois – Quanto?

Um – Faço-te um preço de amigo, não te preocupes.

Dois – OK. E como pensas fazê-lo?

Um – Tens a certeza de que queres saber?

Dois – Preferia que ela não sofresse.

Um – Vou preparar-lhe uma armadilha.

Dois – Bem... Se achas que é o mais eficaz...

Um – Em que estavas a pensar? Uma arma de fogo?

Dois – Não sei...

Um – Eu também tenho princípios. Com uma arma, seria um crime em toda a linha. Uma armadilha é um compromisso entre o acidente e o homicídio. Entre um suicídio involuntário e uma morte por azar.

Dois – Mas a armadilha implica uma intenção de matar...

Um – Sim, mas também exige a colaboração da vítima. Talvez não o consentimento, mas pelo menos a sua participação involuntária.

Dois – A sério?

Um – Quando se dispara sobre alguém, não se lhe dá hipótese. Com uma armadilha, a vítima pode sempre escapar. O assassino faz metade do caminho e a vítima percorre a outra metade.

Dois – Sem saber.

Um – Pelo menos de forma inconsciente.

Dois – E que armadilha é essa, ao certo?

O outro tira do bolso uma ratoeira e mostra-lha.

Um – Isto.

Dois – Uma ratoeira?

Um – Maior, obviamente.

Dois – E vais construí-la tu?

Um – Não é propriamente uma obra de engenharia. Basta respeitar as proporções.

Dois – Bem...

Um – Claro que haverá umas despesas extra...

Dois – E como pensas atraí-la? Não será com queijo, suponho...

Um – Depende... Que espécie de ratinha é?

Dois – Uma ratinha de gostos muito caros.

Um – Nesse caso, haverá também um pequeno suplemento para a isca.

Dois – Bem... Desde que trates de te livrar dela.

Escuro.

3 – Uma ratoeira

Duas pessoas com aspeto de sem-abrigo, que podem usar máscaras de ratos, olham fixamente em frente.

Um – Estás a ver aquele queijo ali?

Dois – Não vejo outra coisa há um bom bocado.

Silêncio.

Um – Porque é que ainda não nos atirámos sobre ele?

Dois – Não sei... Desconfio.

Um – Eu também.

Dois – Parece bom demais para ser verdade.

Um – Esse queijo está um pouco fresco demais.

Dois – Parece que acabou de sair do frigorífico.

Um – Não se parece nada com os bocados de queijo que encontramos no chão ou nos caixotes do lixo.

Dois – Nos caixotes, só há crostas.

Silêncio.

Um – E aquela coisa, o que será?

Dois – Que coisa?

Um – Aquele bocado de queijo está pousado numa tábua pequena.

Dois – Ah, sim... Estava tão fascinado pelo queijo que não tinha visto a tábua.

Um – Uma pequena tábua, com uma barra de metal amarela.

Dois – Amarela como o ouro.

Um – Sim.

Dois – Brilha, é bonita.

Um – O que poderá ser?

Dois – Uma tábua de queijos?

Um – Normalmente temos de nos contentar com as migalhas que caem da mesa. E agora servem-nos queijo numa bandeja.

Dois – De que estamos à espera?

Um – Ao mesmo tempo, esse pedaço de queijo não é muito grande. Não dá para dois.

Dois – Pois...

Um – Vai tu. Fica com ele.

Dois – Não sei... E se for uma armadilha?

Um – Também não vamos deixá-lo estragar-se. Era uma pena.

Dois – Acho que vou deixar-me tentar.

Um – Afinal... só se vive uma vez.

Dois – Vou...

Escuro.

Ouve-se o estalido seco da ratoeira.

Acendem-se as luzes.

Só fica em cena a primeira personagem.

Um – Pois é, só se vive uma vez... E nem sempre durante muito tempo. Enfim... agora fico com o queijo todo para mim.

Escuro.

4 – O gato e o rato

Duas personagens.

Um – Lembras-te? Eu disse-te que tinha um rato lá em casa.

Dois – Sim.

Um – Aconselhaste-me a arranjar um gato para me livrar dele.

Dois – E então?

Um – Funcionou. Já não tenho rato.

Dois – Ótimo.

Um – Pois... *(Silêncio)* Mas agora como é que me livro do gato?

Escuro.

5 – O ouro e o dinheiro

Duas pessoas sem grande coisa para fazer.

Um – De que estávamos a falar, mesmo?

Dois – De nada...

Um – Ah, sim... *(Novo silêncio)* Então, está tudo bem contigo?

Dois – Bem... E tu? Pareces preocupado...

Um – Não, não, é só que...

Dois – O quê?

Um – Já não sei o que fazer com tanto dinheiro.

Dois – Tens assim tanto?

Um – Não sei...

Dois – Seja como for, és rico.

Um – A partir de quanto é que se é rico?

Dois – A partir do momento em que deixas de saber o que fazer ao dinheiro, suponho.

Um – Então, pelos vistos, sou rico.

Dois – A sério que não precisas de mais nada?

Um – Já tenho tudo o que preciso. Não me falta nada, como se costuma dizer.

Dois – E não há nada que ainda te apeteça comprar?

Um – Infelizmente, com a idade, temos cada vez mais dinheiro e cada vez menos vontade de o gastar.

Dois – Compra algo bonito para ti.

Um – Algo bonito?

Dois – Obras de arte. E ainda podes ter benefícios fiscais.

Um – Por exemplo?

Dois – Um quadro ocupa pouco espaço...

Um – Os quadros são frágeis, não são?

Dois – Claro. Então compra esculturas, nesse caso. O mármore não envelhece.

Um – Se calhar compro antes uns lingotes.

Dois – Lingotes?

Um – Lingotes de ouro.

Dois – Não sabes o que fazer ao dinheiro e decides gastar dinheiro a comprar ouro?

Um – É mais sólido do que os quadros, não é? Ou até do que o mármore. O ouro é indestrutível.

Dois – Sim, mas os quadros e as esculturas também se podem contemplar.

Um – Os lingotes também.

Dois – A sério?

Um – Nunca vi um lingote de ouro a sério. Se tivesse um, aposto que me fartava de o contemplar.

Dois – Sim...

Um – Se tu tivesses lingotes, não gostarias de olhar para eles?

Dois – Sim, provavelmente...

Um – Pois... Lingotes, porque não...

Dois – Ou então... podias dar algum do teu dinheiro.

Um – Dar? A quem?

Dois – Não sei... Aos que têm menos do que tu.

Um momento de pausa.

Um – Tu tens menos dinheiro do que eu?

Dois – Não sei.

Um – Acho que vou comprar lingotes.

Dois – Está bem.

Um – Se quiseres, deixo-te vir cá vê-los.

Dois – Obrigado.

Escuro.

6 – Desaparecimento

Entra uma pessoa, com ar perdido. Olha à volta e começa a chorar. Chega outra.

Um – Então, o que é que se passa?

Dois – Perdi a minha mulher...

Um – Lamento imenso. Os meus pêsames.

O outro deixa de chorar de imediato.

Dois – Não, mas ela não está morta.

Um – Ah, não...?

Dois – É que... eu estava a experimentar uns sapatos, ela estava mesmo ao meu lado e... de repente, desapareceu.

Um – Ok, então... perdeu a sua mulher.

Dois – Sim, foi o que eu disse.

Um – Mas ela está viva.

Dois – Sim, bem, acho que sim...

Um – Mais uma razão para não chorar.

Dois – Sim, mas... ela estava ao meu lado e... no instante seguinte, tinha desaparecido.

Um – Também não se evaporou! As pessoas não desaparecem assim sem mais nem menos.

Dois – Já lhe disse! Ela estava ao meu lado e...

Um – No momento seguinte, tinha desaparecido... Sim, já percebi.

A outra pessoa olha à volta, completamente desorientada.

Dois – Desaparecida... Ela desapareceu...

Um – Não se preocupe, havemos de encontrá-la. Quer que o acompanhe ao balcão de informações? Devem poder fazer um anúncio.

Dois – Que tipo de mensagem?

Um – Como é que se chama?

Dois – António.

Um – Por exemplo: «O pequeno António espera pela mulher no balcão de informações.»

Dois – Ou talvez, tenha decidido deixar-me.

Um – Há quanto tempo estão casados?

Dois – Trinta anos.

Um – E depois de trinta anos, ia decidir deixá-lo assim, de repente? No meio de um supermercado, abandoná-lo ali e levar o carrinho?

Dois – Meu Deus, o carrinho! Também desapareceu!

Um – Estava vazio ou cheio?

Dois – Vazio, acho eu.

Um – Nesse caso, não deve ter ido longe... Quais foram as últimas palavras que a sua mulher lhe disse?

Dois – Deixe-me pensar... Já sei! Disse-me exatamente isto: «Encontramo-nos na secção dos congelados.»

Um – Nesse caso, deveria considerar outra possibilidade.

Dois – Qual?

Um – Que ela esteja na secção dos congelados à sua espera.

Dois – Acha que sim?

Um – Custa-me imaginar uma mulher a abandonar o marido ao fim de trinta anos e a despedir-se com «Encontramo-nos na secção dos congelados», sem tencionar ir lá.

Dois – Tem razão. Vou lá ver! Muito obrigado, a sério!

Prepara-se para sair. Ouve-se um anúncio pelo sistema de som.

Voz off – A pequena Joana espera pelo marido na secção de bricolage.

Dois – Acha que pode ser ela?

Um – Como é que se chama a sua mulher?

Dois – Joana.

Um – Então é melhor ir ver...

O outro vai-se embora, mas volta de imediato.

Dois – Onde é que fica a secção de bricolage?

Um – Eu acompanho-o...

Escuro.

7 – Evasão

Duas pessoas numa cela de prisão.

Um – Há quanto tempo estás na prisão?

Dois – No dia 25 de dezembro faz dez anos que aqui estou.

Um – No dia 25 de dezembro? Mataste o Pai Natal para lhe roubar o saco?

Dois – Quase... Matei o meu pai para ele deixar de me bater.

Um – E deram-te prisão perpétua por isso?

Dois – Os juízes também têm filhos. Assusta-os que os miúdos matem os pais por razões tão insignificantes.

Um – O que te condenou também devia bater nos filhos. Ou pior...

Dois – Devia ter feito isso dois anos antes. Ainda era menor de idade, a sentença teria sido mais leve.

Um – Pensar demais nunca é bom.

Dois – E tu?

Um – Eu? Já nem me lembro...

Dois – Já não te lembras de porque estás aqui ou há quanto tempo?

Um – Do motivo, prefiro esquecer-me. E dos anos... Ao fim de vinte, deixei de contar.

Dois – Começo a perguntar-me se algum dia nos vão deixar sair.

Um – Já nem sei se quero sair.

Dois – Porque é que dizes isso?

Um – Depois de tantos anos aqui dentro... Lá fora já não vamos reconhecer nada. Nem ninguém.

Dois – E ninguém nos vai reconhecer.

Um – Da última vez que bebi um café ao balcão, ainda paguei em moedas que já nem existem... Estás a ver?

Dois – É como se estivéssemos mortos desde então. Enterrados vivos. Um dia, atiram-nos de volta para a vida. É como nascer outra vez.

Um – Mas em vez de sermos recém-nascidos, com pais que cuidem de nós, vamos ser velhos, sem ninguém para nos dar a mão.

Dois – Como peixes que voltam ao mar e já não sabem nadar. Porque passaram demasiado tempo fora de água.

Um – Que disparate... Fora de água, os peixes morrem asfixiados.

Dois – Pois... Sinto-me como um peixe no ar.

Um – Acabámos na prisão porque não estávamos adaptados à vida em sociedade. Achas que depois de trinta anos na prisão vamos estar mais adaptados do que antes?

Dois – Simplesmente não tomámos as decisões certas. O que querias ser quando eras criança?

Um – Quando brincávamos aos polícias e aos ladrões, eu queria sempre ser polícia. Não sei onde é que tudo correu mal. E tu?

Dois – Eu queria ser astrofísico. Mas era demasiado burro.

Um – O que é isso de astrofísico?

Dois – As estrelas, os planetas, essas coisas.

Um – Ah... A astrologia, portanto. De que signo és?

Dois – Peixes.

Um – Ah, já percebo...

Dois – Diz-me uma coisa: achas que estamos sozinhos no universo?

Um – Nós estamos sozinhos no mundo, isso é certo. Que diferença nos faz haver marcianos ou não?

Dois – Deram-nos prisão perpétua. Uma invasão extraterrestre é a única coisa que nos podia salvar, não achas?

Um – Pois.

Dois – Na Revolução Francesa, assaltaram a Bastilha e libertaram os presos.

Um – Então esse é o teu plano de evasão?

Dois – Tens outro?

Um – Tens razão, os marcianos são a única esperança que nos resta.

Dois – Infelizmente, ainda não encontrei maneira de contactar com eles.

Um momento de pausa.

Um – E admitindo que os marcianos existem e que consegues mandar-lhes uma mensagem... O que lhes dirias para os convenceres a vir libertar-nos?

Dois – Não sei... Tens alguma ideia?

Um – Depende... Achas que os extraterrestres estão do lado da polícia ou dos ladrões?

Escuro.

8 – Está tudo bem?

Duas pessoas. A segunda parece absorta nos seus pensamentos.

Um – Está tudo bem?

Dois – Está.

Um – Não parece.

Dois – Está, está... É só que...

Um – O que se passa?

Dois – Vais pensar que estou louco...

Um – Diz-me.

Dois – Conheces aquela expressão «Só lhe falta falar»?

Um – Sim.

Dois – Pois esta manhã o meu cão falou comigo.

Um – E o que é que ele te disse?

O outro olha para ele surpreendido.

Dois – O que é que ele me disse?

Um – Sim.

Dois – Estou a dizer-te que o meu cão fala e a primeira coisa que perguntas é o que disse?

Um – Pois sim.

Dois – A notícia é que tenho um cão que fala! Não é o que ele disse, pois não?

Um – Então, o que é que querias que eu dissesse?

Dois – Sei lá... Podias ter dito «Não digas disparates, os cães não falam!»

Um – Desculpa.

Dois – Tu acreditas em tudo, não é?

Um – Então, não é verdade.

Dois – É verdade! É a mais pura das verdades!

Um – Muito bem... Então volto a perguntar: o que é que ele disse? Tenho curiosidade em saber o que os cães têm para nos contar.

Dois – Também não fez nenhuma declaração oficial. Foi só uma conversa banal entre mim e o meu cão.

Um – Uma conversa banal? Sobre o quê?

Dois – Bem... eu estava a dizer-lhe que...

Um – Espera lá... Tu falas com o teu cão?

Dois – Claro! Toda a gente fala com o cão. Tu não falas com o teu?

Um – Não tenho cão. Às vezes falo sozinho, como toda a gente, mas... Então estavas a falar com ele. E o que lhe dizias?

Dois – Estava a dizer-lhe... Não me lembro das palavras exatas, mas era sobre a comida.

Um – A comida dele?

Dois – Estava a dar-lhe a ração, como todos os dias, e devo ter perguntado qualquer coisa como «Então, está boa a comidinha do menino?»

Um – «Está boa a comidinha do menino?»

Dois – Sim...

Um – E então?

Dois – E ele respondeu... «Está bem.»

Um – «Está bem»?

Dois – «Está bem.» Suponho que quisesse dizer que a ração até se comia.

Um – E depois?

Dois – Depois... comeu a ração.

Um – Isso é tudo o que ele disse?

Dois – Já não é mau, pois não?

Um – Mesmo assim, não parece um cão de grandes conversas.

Dois – Pois não.

Um – Tens a certeza de que ouviste bem?

Dois – Garanto-te que ele disse «Está bem».

Um – E desde então não disse mais nada?

Dois – Nada.

Um – Por outro lado... se ele disse que estava bem...

Dois – Sim.

Um – Se calhar devias fazer-lhe uma pergunta um pouco menos parva.

Dois – Como o quê?

Um – Não sei...

Dois – Podia perguntar-lhe... «Está bom tempo hoje, não está?»

Um – Eu disse menos parva...

Dois – Também não vou perguntar-lhe o que pensa das eleições! Afinal, não passa de um cão.

Um – Pergunto-me se o melhor seria simplesmente deixar de falar com ele.

Dois – Talvez. Mas ia sentir falta de falar com o meu cão. Até agora eu falava e ele não respondia. Era perfeito assim.

Um – O interlocutor ideal, portanto.

Dois – E, para dizer a verdade, também tenho algum medo.

Um – Medo? De quê?

Dois – Do que ele me possa vir a dizer.

Um – Como assim?

Dois – É um cão! Se calhar os cães sabem coisas que nós nem imaginamos.

Um – Coisas? Como o quê, por exemplo?

Dois – Sei lá! Se soubesse, não tinha tanto medo...

Um – Bom... sim. Talvez devesses deixar de falar com ele.

Dois – Talvez... Mas ele vai pensar que estou zangado. Já não sei como lidar com este cão. Se calhar era melhor livrar-me dele.

Um – Livrar-te dele? Queres dizer...

Dois – Tens razão, não posso fazer isso. Abandonar um cão numa área de serviço já é horrível. Mas abandonar um cão que fala...

Um – Pois...

Dois – Enfim, fez-me bem desabafar contigo.

Um – Ainda bem...

Dois – Bom, até à próxima.

Um – Claro.

Dois sai. Um fica pensativo durante uns instantes, depois volta-se para o público.

Um – Au! Au, au! Au, au, au!

Escuro.

9 – Autenticação

Uma pessoa está sentada à secretária. Outra chega.

Um – Bom dia. Venho autenticar uma assinatura.

Dois – Sim...

Um – É uma procuração para vendermos a nossa casa de campo.

Dois – Muito bem.

Um – Já quase não íamos lá de qualquer maneira e... Enfim, não lhe vou contar a minha vida.

Dois – Não.

Um – Não vou poder estar presente na assinatura do contrato e... Enfim, preciso de uma procuração. O notário disse que tenho de autenticar a assinatura na câmara municipal.

Dois – De acordo...

Um – Aqui estão o documento e o meu cartão de cidadão.

A outra pessoa examina o cartão de cidadão.

Dois – Senhor Ramires.

Um – Exatamente.

Dois – Muito bem... *(Olha também para a procuração)* Pedro Ramires.

Um – Sim, como pode ver, é o mesmo nome.

Dois – De facto...

Um – Então assino?

Dois – Como quiser.

Um – Olhe bem, sim? Só tenho este exemplar. Não me venha dizer depois «Desculpe, estava a olhar para o lado, pode voltar a assinar?»

Dois – Estou a olhar.

O outro assina o documento.

Um – E agora rubrico cada página... E pronto.

Dois – Perfeito... Posso fazer mais alguma coisa por si, senhor... Ramires?

Um – Bem... sim, parece-me que sim!

Dois – E o que seria?

Um – O carimbo! Também tem de assinar e pôr o carimbo da câmara.

Dois – Claro! Onde é que tenho a cabeça? Ora, onde é que deixei o carimbo da câmara...?

Um – Está aí, mesmo ao seu lado.

Dois – Ah, é verdade... Onde está a almofada da tinta? *(Entinta o carimbo)* Pronto... Espero não ter posto tinta a mais. Com os carimbos é sempre assim: ou mal se consegue ler ou fica tudo esborratado. Qual prefere?

Um – O que prefiro?

Dois – Prefere que não se leia nada ou que fique uma grande nódoa?

Um – Se tenho mesmo de escolher... Prefiro a nódoa.

Dois – Vou tentar... *(Volta a pôr tinta no carimbo e prepara-se para carimbar o documento, muito concentrado, mas detém-se no último instante)* Espere lá...

Um – O que se passa?

Dois – Pensando bem... O que me prova que é mesmo quem diz ser?

Um – Como?

Dois – Estou aqui para autenticar esta assinatura, não é assim?

Um – Sim.

Dois – Como posso saber se a pessoa que tenho à minha frente é realmente a que aparece na procuração?

Um – Acabei de lhe mostrar o cartão de cidadão...

Dois – Claro... Tem razão...

Um – Muito bem.

O outro prepara-se para carimbar.

Dois – Espere um momento...

Um – O que se passa agora?

Dois – E o que me garante que a pessoa que está aqui à minha frente é mesmo a que aparece neste cartão de cidadão?

Um – Bem... porque fui eu que lho dei.

Dois – Podia tê-lo roubado.

Um – A assinatura que acabei de fazer na procuração é igual à do cartão de cidadão.

Dois – Podia tê-la imitado. E, entre nós, nem parece muito difícil.

O outro começa a duvidar.

Um – Tem razão... Na verdade, isso não prova nada...

Dois – Não, claro que não.

Um – Mas então como é que posso provar que sou mesmo Pedro Ramires?

Dois – Nem isso o provaria.

Um – Como assim?

Dois – Pode ser um homónimo.

Um – Um homónimo?

Dois – Convenhamos que há de haver mais do que um Pedro Ramires... Infelizmente.

Um – Claro...

Dois – Como saber se é o Pedro Ramires certo?

Um – Até eu já começo a duvidar...

Dois – Então, como resolvemos isto?

Um – Impressões digitais?

Dois – Pode acontecer duas pessoas terem impressões digitais exatamente iguais.

Um – A sério?

Dois – É raro, mas é possível.

Um – Qual é a probabilidade disso?

Dois – Uma em 64 mil milhões.

Um – Não somos 64 mil milhões neste planeta.

Dois – Neste planeta, não. Mas e se houver seres humanos noutros planetas?

Um – Estou a ver... Então não há maneira de autenticar a procuração?

Dois – Sabe que mais?

Um – O quê?

Dois – Gosto da sua cara.

Um – A sério?

Dois – Sim... Tem cara de Pedro. Um bom Pedro.

Um – E então?

Dois – Vou conceder-lhe o benefício da dúvida. *(Carimba o documento, assina-o e entrega-o)* Aqui tem, senhor Ramires!

Um – Obrigado pela sua confiança! Não sei como lhe agradecer.

Pega no documento e dá-lhe uma vista de olhos.

Dois – Algum problema?

Um – Eh... Tem a certeza de que este é o carimbo da câmara?

Dois – Está a insinuar que eu poderia... não ser quem digo ser?

Um – Não, mas...

Dois – E agora é a sua vez de duvidar da minha identidade?

Um – Poderia ter-se enganado no carimbo.

Dois – No carimbo?

Um – Este não é o carimbo da câmara municipal.

Dois – Deixe-me ver... *(Recupera o documento e examina-o)* Tem razão. Não é o carimbo da câmara.

Um – Tem a certeza de que trabalha na câmara municipal?

Dois – Certeza...? Não. Para ser sincero, estou quase certo do contrário.

Um – Não é funcionário da câmara?

Dois – Não.

Um – Mas então... Se eu não sou quem digo ser, e a pessoa à minha frente também não, quem somos nós?

Dois – Ser ou não ser, eis a questão... Mas, para encontrar a resposta, aconselho-o a ir ao edifício em frente.

Um – Em frente? E porquê?

Dois – Porque é aí que fica a câmara municipal.

Um – E aqui, o que é então?

Dois – Isto é uma escola de condução.

Um – Já percebo o que quer dizer...

Hesita em ir-se embora.

Dois – Mais algum problema, senhor Ramires?

Um – Eu bem avisei... *(Mostra o documento)* Não tinha outra cópia...

Escuro.

10 – Idiotas

Há uma pessoa em cena. Chega outra.

Um – Então? Já conseguiram decifrar a mensagem?

Dois – Os nossos melhores especialistas estão a tratar disso. Não deve faltar muito. Pedi que enviassem a tradução para o meu telemóvel.

Um – E a nave espacial deles?

Dois – Já está em órbita à volta da Terra.

Um – Dá-se conta? É um momento único na história da humanidade! Pela primeira vez vamos entrar em contacto com uma civilização extraterrestre.

Dois – Sim. Estou ansioso por saber o que têm para nos dizer.

Um – Se conseguiram vir até cá, é porque dominam tecnologias que nem imaginamos. Devem ter imensas coisas para nos ensinar.

Dois – E eles também estarão curiosos para nos conhecer.

Um – Mesmo que estejam mais avançados do que nós tecnologicamente, de certeza que podemos oferecer-lhes muitas coisas que eles não têm.

Dois – Claro. No domínio artístico, por exemplo.

Um – Sim. Ou... não sei, talvez... na política...

Dois – Na política, acha?

Um – Não... Na política talvez não.

Dois – É verdade que não somos um exemplo em tudo, mas também não precisamos de lhes contar logo os nossos defeitos.

Um – Tem razão. Para já, mostremos o nosso melhor lado.

O telemóvel do segundo emite um sinal. Ambos ficam paralisados por instantes. Dois olha para o ecrã.

Dois – Já está, conseguimos decifrar a mensagem deles.

Um – Finalmente vamos saber.

Dois – O que faço?

Um – Então leia!

Dois observa o ecrã do telemóvel, surpreendido.

Dois – É bastante curta...

Um – É um primeiro contacto. Mas o que diz?

Dois *(lendo)* – Estamos sem combustível. Pedimos autorização para abastecer de hidrogénio no vosso planeta... e prosseguir viagem.

Um – Sem combustível?

Dois – Ficaram apeados, é o que é.

Um – «Prosseguir viagem»... Portanto, para eles somos apenas uma estação de serviço?

Dois – Parece que sim.

Um – E então... não têm intenção de aproveitar para nos conhecer melhor?

O outro verifica o ecrã do seu telemóvel.

Dois – Pelos vistos, só querem abastecer.

Consternação.

Um – Agora que conseguimos decifrar o código, podemos comunicar com eles, não é?

Dois – Sim, suponho que sim.

Um – Então pergunte aos nossos visitantes qual é, ao certo, o objetivo da viagem.

Dois escreve uma mensagem no telemóvel.

Dois – Enviado.

Silêncio. Trocam olhares ansiosos. Ouve-se um novo sinal. Dois consulta a resposta.

Um – Então? Qual é a finalidade desta viagem de exploração, se não é conhecer-nos?

Dois *(lendo)* – Descobrir se existe alguma outra forma de vida inteligente no universo.

Um – Uma forma de vida inteligente?

Dois – Uma forma de vida inteligente...

Um – E nós, o que somos?

Dois – Receio que só haja uma resposta possível.

Um – Imagino qual seja...

Dois – Acham que somos uns completos idiotas.

Olham-se consternados.

Escuro.

11 – O mapa

Uma pessoa observa, perplexa, o mapa que tem nas mãos. Chega outra. A primeira dirige-lhe a palavra.

Um – Desculpe... É daqui?

Dois – Depende. De onde exatamente?

Um – Não, quero dizer... não sei se é desta zona.

Dois – Sim...?

Um – É que eu não sou daqui e... estou um pouco desorientado.

Dois – Desorientado...

Um – Um pouco perdido, se preferir.

Dois – Em que posso ajudá-lo?

Um – Bem... gostava de saber onde estou, simplesmente. Sabe onde estamos?

Dois – Sei.

Um – E pode dizer-me onde estou?

Dois – Pois... *(Olha em volta)* Está mais ou menos... entre aquela árvore e mim.

Um – Desculpe?

Dois – Ou, se preferir, está mesmo debaixo do sol, porque é meio-dia, e em cima destas prímulas que está a pisar, porque estamos na primavera.

Um – Sim, já vejo mas... o que eu quero saber é onde estou... neste mapa.

Dois – Ah, claro, o mapa... Deixe cá ver.

O outro passa-lhe o mapa, um pouco desconfiado. O segundo examina-o atentamente.

Um – E então?

Dois – Não vejo nada... Não, não está neste mapa.

Um – Não?

O outro olha novamente para o mapa.

Dois – Não, garanto-lhe. *(Mostra-lhe o mapa)* Repare: não aparece aqui. E as prímulas também não. Se estivesse aqui desenhado, veríamos, não é?

Um – Mas não é possível. Não me podia ter afastado tanto. A ponto de não aparecer no mapa.

Dois – Às vezes ultrapassamos os limites sem dar por isso.

Um – Então... onde é que posso estar?

Um momento.

Dois – Então é alguém que ainda anda à procura de si próprio.

Um – Como disse?

Dois – Quem se pergunta onde está, no fundo, anda à procura de si próprio, não acha?

Um – Muito obrigado pela sua ajuda. Acho que agora estou mais perdido do que antes de o encontrar.

Dois – Está perdido porque se procura no mapa em vez de se procurar onde realmente está.

Um – Ah, sim? E onde estou exatamente?

Dois – Está onde está, simplesmente. Aqui.

Um – O problema não é saber onde estou, mas sim saber em que direção devo seguir para encontrar o que procuro.

Dois – E o que procura?

Um – O meu carro.

Dois – Para ir para onde?

Um – Para voltar para casa.

Dois – Eu, no seu lugar, acampava aqui.

Um – Acampar? Mas eu não tenho tenda! Além disso, tenho coisas para fazer...

Dois – Que coisas, por exemplo?

Um – Não sei... Tenho que ir trabalhar.

Dois – Trabalhar? Para quê? Para pagar o crédito do carro?

O outro parece um pouco abatido.

Um – Ou para comprar outro, se não conseguir encontrar o meu... Tem razão, no fim, talvez deva dormir aqui, ao relento.

Dois – As noites são amenas nesta época do ano...

Um – Então também anda perdido?

Dois – Em certo sentido... Também andei, como agora está a andar. Vim perder-me neste sítio esquecido e acabei por me encontrar. Agora sou daqui.

Um – Sim, bem, eu preferia não criar raízes por aqui...

O outro olha-o com uma expressão perplexa.

Dois – O seu carro é pequeno e vermelho?

Um – Sim.

Dois – Está mesmo atrás de si, no parque de estacionamento, do outro lado do caminho.

Um – A sério? Muito obrigado, salvou-me a vida!

Dois – Acha mesmo?

Um – Mas entre nós, podia ter-me dito antes...

Dois – Agora, pelo menos, já sabe em que ponto está... Tome, o seu mapa.

Escuro.

12 – As prímulas

Está uma pessoa em cena. Chega outra.

Um – Desculpe, sabe que dia é hoje?

Dois – Hoje, parece-me.

Um – Hoje?

Dois – Entre ontem e amanhã.

Um – Sim, mas... estamos a 20, a 21 ou a 22? Já não me lembro.

Dois – Vinte e um... de quê?

Um – De março.

Dois – E isso importa?

Um – Se hoje for dia 21, a primavera começa hoje. Se for dia 20, começa amanhã. E se for dia 22, começou ontem.

Dois – Acha mesmo que a primavera começa assim, num dia exato? No dia 21 de março?

Um – Pois acho que sim... Não?

Dois – Portanto, se hoje for dia 20, ainda é inverno, e se for dia 22, já é primavera?

Um – Não sei... Não sei que dia é hoje.

Dois – Eu também não.

Um – Bom...

Dois – Está bom tempo hoje, não está?

Um – Sim... Está um dia... primaveril.

Dois – Olhe para estas prímulas. Não ficaram à espera de saber se era dia 20 ou 21 para florir.

Um – É verdade.

Dois – Então, digamos que já é primavera.

Um – De acordo...

Dois – Uma andorinha não faz a primavera. Mas, a partir de duas, já podemos começar a ter esperança.

Escuro.

Fim.

O autor

Nascido em 1955 em Auvers-sur-Oise (França), Jean-Pierre Martinez começou como baterista em diversas bandas de rock, antes de se tornar semiologista publicitário. Foi depois argumentista de televisão e regressou ao palco como dramaturgo.

Escreveu cerca de uma centena de guiões para televisão e cerca de 120 comédias para teatro, algumas das quais já se tornaram clássicas (*Sexta-feira 13* ou *Strip Poker*). É hoje um dos autores contemporâneos mais representados em França e nos países francófonos. Além disso, várias das suas peças, traduzidas para espanhol e inglês, estão regularmente em cartaz nos Estados Unidos e na América Latina.

No entanto, os direitos de representação, que constituem uma remuneração justa pelo trabalho do autor, são uma obrigação legal. Quer se trate de uma companhia amadora ou profissional, é necessário solicitar autorização para representar a peça e pagar os respetivos direitos de autor relativos à produção.

Jean-Pierre Martinez é representado pela Sociedade Francesa de Autores (SACD).

Para entrar em contacto com Jean-Pierre Martinez e solicitar autorização para representar uma das suas obras, utilize o formulário de contacto disponível nos seus sites :

https://jeanpierremartinez.net/
https://comediatheque.net/

Depois de ter iniciado o seu percurso como baterista, Jean-Pierre Martinez regressou recentemente à música, criando canções originais inspiradas nos seus poemas e nas suas peças de teatro.

Com Jean-Pierre Martinez Music, prolonga esse universo sob a forma de canções originais: narrativas breves, humorísticas ou melancólicas, nas quais a canção se torna, por vezes, uma pequena cena teatral.

https://jeanpierremartinezmusic.com/

Peças de teatro do mesmo autor, traduzidas em português

Monólogos

Como um peixe no ar
Happy Dogs

Comédias para 2

A Corda
A janela da frente
Arrependimento
Cara ou coroa
Cuidado frágil
Ela e Ele
Encontro na plataforma EuroStar
Há um piloto a bordo ?
Nem sequer morto
No fim da linha
O Joker
O Roupão
Os Náufragos do Costa Mucho
Preliminares
Réveillon na morgue
Roleta russa no Kremlin
Um Sonho de Casa
Uma Vocação Frustrada

Comédias para 3

Cartas na mesa
Coisas do Acaso
Crash Zone
Cuidado frágil
Horizontes
Ménage à trois
Plágio
Por debaixo da mesa
Sexta-Feira 13
Um breve instante de eternidade
Um pequeno assassinato sem consequências
Um pequeno passo para uma mulher, um salto no vazio para a Humanidade…

Comédias para 4

Apenas um instante antes do fim do mundo
As Pirâmides
Cama e Café
Crise e castigo
De volta aos palcos
Déjà vu
Denominação de Origem não Controlada
Depois de nós, o dilúvio!
Despedida de Casados
Gay friendly
Há algum crítico na sala?
Há um autor na sala?
Happy Hour
O amor é cego
O aquário
O cheiro do dinheiro
O contrato
O cuco
O genro perfeito
Os nossos piores amigos
Os Sogros Ideais
Os Turistas
Quarentena
Quatro estrelas
Réquiem por um Stradivarius
Ressaca
Retrato de família
Sexta-feira 13
Strip Poker
Um caixão para dois
Um casamento em cada dois
Um esqueleto no armário
Um Sonho de Casa
Uma noite infernal

Comédias para 5 ou 6

Bem está o que mal começa
Crise e Castigo
Engarrafamento no Caminho do Cemitério
Era uma vez na web
Flagrante delírio
Happy Hour
O Rei dos idiotas
O Sorteio do Presidente
Os Náufragos do Réveillon
Os Rebeldes
Prognóstico reservado
Réveillon na esquadra
Sem flores nem coroas
Um Boulevard Sem Saída

Comedias para 7 ou mais

A Aldeia Mais Bonita de França
A pior aldeia de Portugal
A representação não está cancelada
Batas brancas e humor negro
Bem-vindos a bordo!
Como um filme de Natal...
Corações Abertos
Crise e Castigo
De legumes e livros
Dedicatória Especial
Erro da funerária a teu favor
Fora de jogo
Jogo de Escape
Milagre no convento de Santa Maria-Joana
Nem sempre a música amansa...
Nicotina
O Jackpot
O reverso do cenário
O Sorteio do Presidente
Os Flamingos azuis
Pré-histórias Grotescas
Reality Show
Réveillon na esquadra
Um Sonho de Casa
Uma aldeia tão bonita
Uma herança pesada
Xeque-Mate

Sketches

A ratos
Albano e Eva
Apocalipse
Aviso de passagem
Breves de confinamento
Breves de palco
Breves do jardim
Breves do tempo perdido
Calma!
Cenas de rua
Corações Abertos
De Animais e Homens
De todas as cores
De verdade e de brincadeira
Demasiado é demasiado!
Dramédias
Ela e Ele
Em branco
Entre Bastidores
Espera, borboleta!
Histórias insólitas
Matadores de piadas
Memórias de uma mala
Morrer de Rir
Nicotina
O Balcão
Sem Sentido Proibido

Todas as peças de Jean-Pierre Martinez
podem ser descarregadas gratuitamente nos seus sites
https://comediatheque.net
https://jeanpierremartinez.net/

Este texto é protegido pelas leis relativas ao direito de propriedade intelectual.
Todas as contrafações são puníveis,
com multa até 300.000 euros e 3 anos de prisão.

Avinhão – Outubro de 2024

© La Comédiathèque
ISBN 978-2-38602-257-9

Documento para download gratuito